





**IGREJA**  
**DE SANTA**  
**MARIA**  
**DE JAZENTE**  
AMARANTE

**IGREJA**  
**DE SANTA**  
**MARIA**  
**DE JAZENTE**  
AMARANTE



Planta.

## PREÂMBULO HISTÓRICO

**É** reduzida a notícia que, em 1726, o memorialista Francisco Craesbeeck tece sobre Jazente<sup>1</sup>. Refere que fora abadia do bispado do Porto, com capelas filiais, mas sem sacrário e nenhuma sepultura epigrafada que oferecesse ao cronista parte do material com que ornava os seus parágrafos. Alude, contudo, à memória que dava por certa ter sido igreja de instituto de religiosas (Craesbeeck, 1992: 57).

Situada historicamente nos limites da diocese do Porto, Jazente integrava o termo do concelho de Gestaçõ, onde se incluíam, entre outras, as paróquias de Santo Isidoro de Sanche, Santo André de Padronelo, Salvador de Lufrei e Santa Maria de Gondar. A freguesia era pequena (talvez por isso, em 1623, não fosse ainda servida de sacrário), contudo, os seus rendimentos são, no século XVIII, consideráveis: 300 mil réis para sustento do abade e do padroeiro (Niza, 1767: 292).



Vista geral.

<sup>1</sup> Sobre a evolução do topónimo e da invocação ver Moreira (1985-1986: 92).

Como grande parte das igrejas medievais da região, pode buscar-se em instituição monástica a razão para Jazente<sup>2</sup>. O orago Santa Maria denuncia a medievalidade, hagiotopónimo que permaneceu como sinal de invocação associada a certas ordens, propugnadoras da invocação mariana – que, em alguns casos, foi substituída, na modernidade, por vocativos mais adequados à condição da Mãe de Deus feito homem. Todavia, tal como nas Igrejas de Telões ou de Gondar, ambas em Amarante, a condição de pequeno e pobre mosteiro resultou na secularização do mesmo, não obstante a referência a religiosas que se lhe ligavam ainda no século XIV<sup>3</sup>.

Fica, sobretudo, na história desta Igreja a sua ligação a Paulino Cabral, conhecido pelo nome literário de Abade de Jazente. Pertenceu, embora algo distante em corpo e espírito, ao movimento da Arcádia, que fazia da crítica e da sátira os elementos fundamentais da poesia, modelada segundo preceitos clássicos. Paulino nasceu na freguesia de São Pedro de Lomba, próxima a Amarante, no dia 6 de maio de 1719, filho do licenciado João Cabral e de sua mulher Ana Cerqueira, moradores no lugar do Reguengo<sup>4</sup>. Formou-se na Universidade de Coimbra, em Cânones, de onde saiu em 1742 (Machado, 1759)<sup>5</sup>. Seguiu-se a carreira eclesiástica, como coadjutor, primeiro, e depois abade de Jazente, lugares que ocupou entre 1752 e 1784<sup>6</sup>. Durante o exercício do seu múnus, escrevia e vivia mundanamente. Viajava com frequência ao Porto para participar em saraus e tertúlias, como refere Arnaldo Gama no seu romance *Um motim ha cem anos...*, fazendo uma descrição muito particular deste eclesiástico arcadiano:

“O nosso padre era, pois, um padre peralta, um pintalegrete, um verdadeiro janota, como se diz na actualidade. Aqui estou eu vendo os leitores confrangerem os labios em sorriso de escarneo... Não se riam, porém, que diante de si teem nada menos que o célebre poeta Paulino Cabral, um dos mais distinctos poetas portuguezes da época, a flôr e a nata dos bardos do Porto – notavel pela elegancia dos conceitos, pelo colorido brilhante com que os revestia no méτρο, pela mordacidade satyrica, ora fina e delicada, ora aspera e pungente, e notavel tambem pela pureza da linguagem e pela correcção classica do estylo, que fez com que Bocage lhe desse a honra de um jungir comsigo n’aquelle célebre soneto, em que, para flagellar o pobre doutor Quintanilha, poem na boca d’este a critica asselvejada, de que pretence ao nosso poeta o verso: Trascala aos seiscentistas o Paulino (...)” (Gama, 1861: 135-136)<sup>7</sup>.

2 Em 1258, a abadessa Margarida testemunhou ante os inquiridores e referiu a fundação privada do mosteiro por Gomécio Mendes, acrescentando que os descendentes dos instituidores eram então Martinho Rodrigo Lopes “de Borona” e Vasco Mendes (Herculano, 1867: 1150).

3 D. “Constança Martins”, a quem se imputa a qualidade de barregã do mestre da ordem de Cristo, Martim Gonçalves Leitão (Costa, 1706-1712: 142; Craesbeeck, 1992: 57).

4 Foram padrinhos: António Cerqueira Marinho, clérigo *in minoribus*, e Guiomar Cerqueira, solteira, ambos filhos de António Álvares do Reguengo (ADP – Paroquiais. *Baptismos* (1588-11-06/1746-05-08), fl. 93).

5 Diogo Barbosa di-lo nascido em 1720 e acrescenta que antes de frequentar a Universidade foi “instruído nas linguas Latina, Franceza e Italiana” (Machado, 1759). O seu pai era médico.

6 O primeiro assento de batismo que o padre Paulino redige e assina é datado de outubro de 1752 (ADP – Paroquiais. *Baptismos* (1731-05-03/1780-07-26), fl. 32 v.º-33).

7 Nas páginas seguintes acrescentam-se outros dados sobre o Abade de Jazente e a sua personalidade.

No seu tempo, a abadia de Jazente orçava pelo rendimento de 300 mil réis, valor que repartia entre a sua vida espiritual e boémia e um coadjutor que o substituía aquando das incursões literárias e espirituosas dos bardos e abadesados portuenses. De facto, em 1758, cabendo aos párocos de cada freguesia pronunciarem-se sobre as memórias de cada uma, foi o cura Manuel Pereira, e não Paulino Cabral, quem as redigiu, fazendo uma simples descrição (quase relatório) da geografia de Jazente: paróquia de 159 pessoas, 52 fogos distribuídos por sete lugares. Sem beneficiados, ermidas, romagens e sem feiras, em suma, sem “coisa alguma notável digna de memória”, Jazente devia parecer tão ou mais desprovida de interesse ao cura Manuel Pereira como certamente o era ao abade Paulino (Pereira, 1758)<sup>8</sup>. Mas as suas ausências eram transitórias e o gosto pelo remanso da sua abadia rural deixou-o entrever várias vezes na sua poesia<sup>9</sup>. Em 1760 e 1786-1787 foram publicados os seus únicos livros: *Romance hendecassylabo sobre o terramoto fatal da cidade de Lisboa sucedido no primeiro de novembro de 1755* e *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente*.

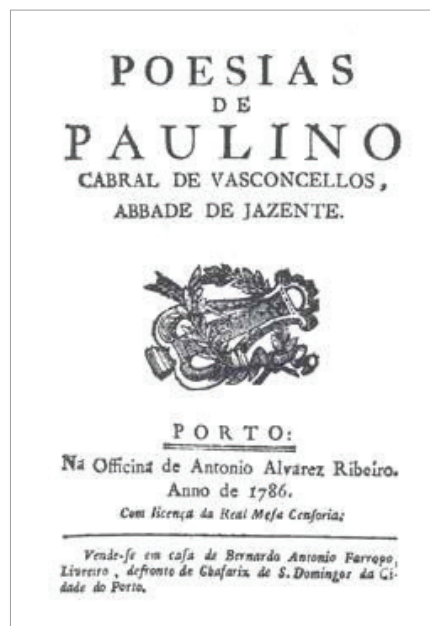
Obrigado a retirar-se para Amarante, onde faleceu em 1789, escreveu aludindo à sua abadia de Jazente:

“Eu, que junto à Cabana, em que vivia,  
Tive uma rica Ermida: e afortunado  
Ovelhas tantas tive, que o montado  
Com elas branquejar alegre via:

Eu, que tive prazer, tive alegria,  
Tive nome entre os mais; eu desgraçado,  
De quanto tive agora despojado,  
Não tenho nada mais, que a noite, e dia:

Eu mesmo deixei tudo: e unicamente,  
A saudade nos cofres da memória  
Com desvelo guardei, mas imprudente;

Pois lendo nela a minha triste história,  
Me fazem ser mais duro o mal presente  
Doces lembranças da passada glória”  
(Cabral, 1786).



Reprodução do frontispício da obra *Poesias*, de Paulino Cabral de Vasconcellos.

<sup>8</sup> O cura Manuel Pereira alega que redigiu a memória “por impedimento do Abade” (Pereira, 1758). Que tipo de impedimento fosse, ignoramos.

<sup>9</sup> “Brutos penhascos, rústicas montanhas, / Medonhos bosques, hórrida maleza, / Que me vedes, coberto de tristeza, / Saudoso habitador destas campanhas” (Cabral, 1786).



## O MONUMENTO ENTRE ÉPOCAS

“Classificada habitualmente como obra românica, talvez a devemos considerar dentro do nosso gótico rural, tendo em conta a sua datação tardia” (Almeida, 2001: 124). É com estas palavras que Carlos Alberto Ferreira de Almeida localiza a Igreja de Santa Maria de Jazente dentro das variantes estilísticas que a Idade Média nos ofereceu. De facto, os elementos arquitetónicos apreciáveis nesta pequena Igreja amarantina apontam-nos para uma cronologia que deve ser posicionada em finais do século XIII, e não já no século XIV. Tal aspeto não é de estranhar. Não nos podemos esquecer que muitos monumentos românicos localizados ao longo das bacias do Sousa, do Tâmega e do Douro se integram naquela corrente que a historiografia mais recente tem optado antes por designar de “românico de resistência”, se não mesmo de “românico popular”<sup>10</sup>.

Composta por nave única e cabeceira retangular, mais baixa e estreita do que esta, criando um evidente jogo de volumes diferenciados, a Igreja de Jazente destaca-se pela homogeneidade da sua fábrica, muito pouco transformada ao longo dos tempos. O seu aparelho é composto por silhares de diferentes dimensões. Mas, conforme notou em 1864 o pároco desta freguesia, os seus silhares criam, no entanto, “fadas de dimensões iguaes ao menos na sua altura”<sup>11</sup>.

322



Fachadas oriental e sul.

<sup>10</sup> Sobre esta questão veja-se Botelho (2010: 395 e ss).

<sup>11</sup> Oliveira, João André de – Missiva de 18 de outubro [?] de 1864. IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREM, Cx. 3216/3. Correspondência igrejas do concelho de Amarante, 1864-1867.



Fachada ocidental.

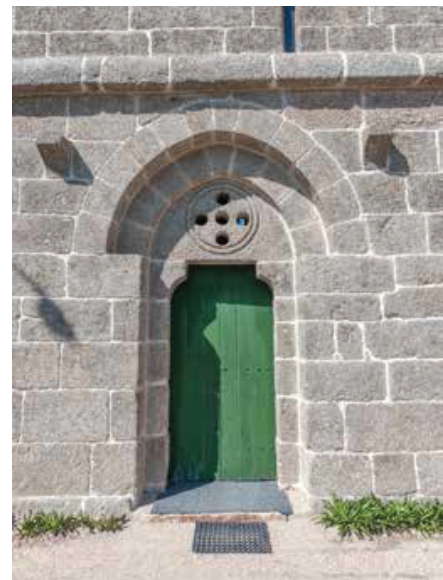
A fachada principal desta Igreja é dominada pelo portal, um dos elementos que melhor nos denunciam o seu carácter tardio. Composto por duas arquivoltas ligeiramente quebradas e que se apoiam diretamente sobre os pés-direitos do muro em que se inscrevem, o seu tímpano mereceu uma referência de Pedro Vitorino no artigo que consagrou especificamente ao estudo dos *Tímpanos românicos ornamentados* (Vitorino, 1941: 5-17). Segundo este médico estudioso do românico português, este tímpano é perfurado por “uma larga cruz com disco central, acompanhada no lintel de outra cruz, semelhante na forma, simplesmente gravada”. É sustentado por mísulas lisas que repousam sobre pés-direitos, ornados com estrias verticais na sua parte interna. Aqui reside a maior originalidade deste portal. Ainda nesta fachada, criando um verticalismo algo contido ao centro, uma estreita fresta é encimada pela sineira para abrigo de um sino que quebra visivelmente a empena. O sino já lá não está, mas a sua presença perdurará ao longo do tempo pela cicatriz do seu tanger visível no paramento. Sobre a sineira uma pequena cruz.

A composição dos tímpanos é, em Jazente, um sinal de que esta pequena Igreja foi construída já na parte final do românico, altura em que se verifica uma tendência para furar o tímpano, não só com vazamento de cruzes, mas também com outros orifícios (Almeida, 1971: 114). No portal sul vemos, pois, cinco aberturas circulares posicionadas em cruz e envoltas por um duplo círculo inciso no granito. Não nos podemos esquecer que este românico mais tardio é já coevo dos primeiros testemunhos arquitetónicos do gótico, estilo que busca no culto da luz a sua própria essência. Também este portal surge inscrito na espessura do próprio muro pelo que não tem qualquer coluna. As duas arquivoltas que lhe dão corpo, ligeiramente quebradas, assentam diretamente sobre os seus pés-direitos.

323



Fachada ocidental. Portal.

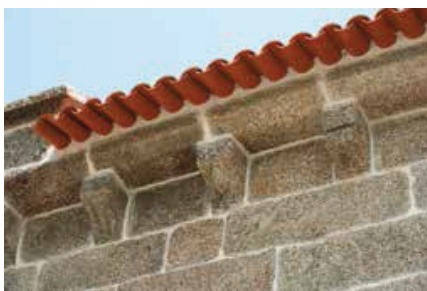


Fachada sul. Nave. Portal.





Fachada sul. Capela-mor. Cornija.



Fachada sul. Capela-mor. Cachorros.

Ainda na fachada sul, sobre o portal, permanece um lacrimal que, associado às mísulas salientes que surgem num nível um pouco inferior, nos confirma a existência de uma estrutura alpendrada que, por ter sido edificada em materiais perecíveis, não chegou aos nossos dias. Imediatamente sobre o lacrimal, duas frestas, estreitas, ao gosto românico. Por fim, uma cornija é sustentada por modilhões, na sua maioria lisos ou, quando muito, ornamentados com formas geométricas simples, de perfil quadrangular. Mais um sintoma do caráter tardio desta Igreja no âmbito da cronologia do românico português.

Também na cabeceira vemos a mesma tipologia de cachorros, em ambos os lados, e o mesmo tipo de frestas, quer nos alçados laterais, como no posterior. Junto aos cachorros veem-se ainda hoje pequenos orifícios que se julga poderem ter servido de suporte para outras construções (Basto, 2006). Aliás, na parede testeira da nave vemos igualmente uma estreita fresta e, sobre a sua empena, uma cruz terminal, patada, bem ao gosto românico. A sacristia adossa-se à capela-mor, a sul, a que se acede através desta por um vão em arco abatido.

De um modo geral, o alçado norte é idêntico ao sul. Atente-se, no entanto, à inexistência de lacrimal. Mas como existem mísulas de sustentação de uma estrutura alpendrada, estamos em crer que esta seria mais simples do que a do lado oposto. Aqui o portal, de verga reta, inscreve-se na espessura do muro e corresponde no interior ao nicho onde se expõe a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Os cachorros são lisos.

No interior de Jazente impera a simplicidade. O granito dos paramentos é apenas interrompido pelas estreitas frestas que, dentro do gosto românico, o iluminam tenuemente. A diferenciação de volumes entre a capela-mor e a nave é aqui corroborada pela abertura do arco triunfal. Embora quebrado, mais parece um arco abatido. Atente-se, no entanto, à existência de duas pilastras com capitéis toscanos, uma de cada lado, no intradorso do arco, e que nos levam a crer que, a determinada altura da Época Moderna, algures entre os séculos XVII e XVIII, se teve a intenção de transformar este arco, nobilitando-o e aumentando a abertura do seu vão. A obra foi, no entanto, interrompida. Dessa mesma campanha datará, certamente, o remate superior da dupla sineira isenta que se ergue do lado sul, no adro desta Igreja de Jazente. Sobre a cornija, um frontão triangular é interrompido por um vão ao centro que, pela sua dimensão, poderá até ter abrigado uma imagem. Este é encimado por uma cruz. Duas urnas rematam as extremidades do frontão.



Fachadas oriental e norte. Capela-mor.



Nave. Parede norte. Nicho. Escultura. Nossa Senhora do Rosário de Fátima.



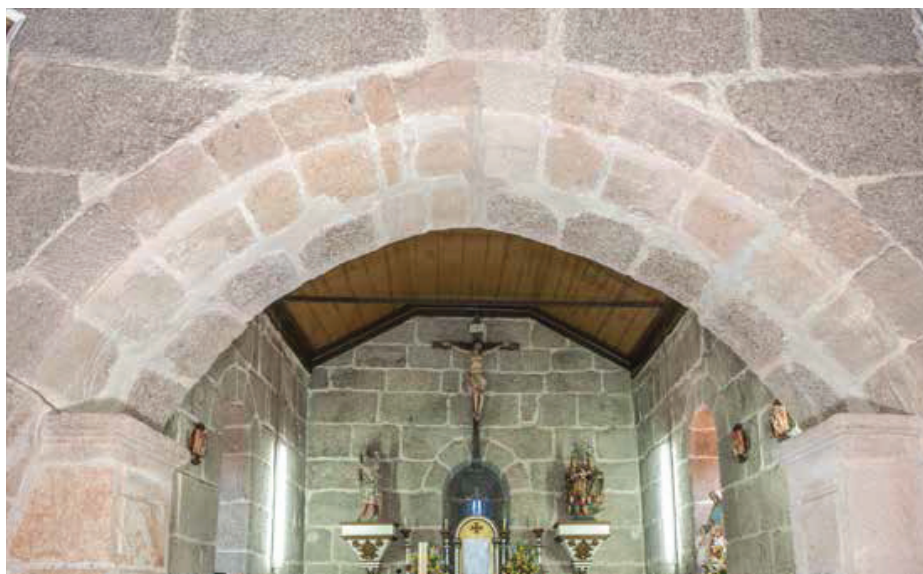
Vista geral do interior a partir da nave.

No interior, os retábulos atuais não correspondem às habituais intervenções seiscentistas e setecentistas que tão profundamente alteraram as igrejas medievais. Tratam-se de experiências contemporâneas para repor parte do património arreado pelas intervenções das décadas de 1930 e 60, porquanto no inventário organizado, em 1912, pela Comissão Cultural ainda se referem três altares<sup>12</sup>. É provável que neste inventário os arroladores se referissem aos retábulos originais barrocos. Neles existiam, então, as imagens de Santa Maria, Santa Ana, São Pedro, São Paulo, Senhora das Dores, Senhora do Rosário e Santo Afonso<sup>13</sup>. Presentemente, à veneração encontram-se as imagens de Santa Maria, Santa Ana, Menino Jesus Salvador do Mundo e Sagrado Coração de Jesus. Referimos já que, em 1726, foi parca e desprestigante a descrição de Francisco Craesbeeck quanto ao património móvel e integrado. Merece, porém, que aludamos à imagem da Virgem com o Menino, trabalho de pedra calcária, policromada, que remonta à segunda metade do século XV.

Escultura produzida segundo os modelos góticos, ainda presa a uma inexpressividade de que as faces de Mãe e Filho são testemunhos, quis o autor (certamente próximo ou influenciado por oficina de calibre com artífices estrangeiros), libertá-la de formalismos medievais, tratando mais livremente o pregueado das vestes e acentuando o movimento do corpo através de *contrapponto*. De resto, o humanismo e, de certa forma, o realismo sentimental é expressado ante o fiel não pela riqueza da ornamentação e pelo fraco naturalismo no tratamento das faces e membros,

<sup>12</sup> PORTUGAL. Ministério das Finanças – Secretaria-geral – Arquivo. Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Porto, Amarante, *Arrolamentos dos bens culturais*. Igreja de Jazente. Liv. 67, fl. 87-91v. ACMF/Arquivo/CJBC/PTO/AMA/ARROL/022.

<sup>13</sup> Idem.



Arco triunfal.

326

mas pelo ato carinhoso que o Menino tem com sua mão ao tocar-lhe o rosto, demonstrando carinho e amor filial. Com a mão direita, Maria segura uma rosa, símbolo da sua pureza e virgindade que a devoção mariana, crescente a partir do século XIV em toda a Europa, pretendeu acentuar.

Digno de nota é o facto de o padre João André d'Oliveira aludir, em 1864, à existência de “figuras pintadas na parede”, por ele descobertas quando, em 1825, mandara “reparar hum dos altares collateraes”<sup>14</sup>. Em 1932 voltamos a ter novas referências a esta pintura, desta feita por informação facultada pelo padre Virgínio Monteiro Alves e Guimarães<sup>15</sup>. Por ocasião da intervenção de “restauração” que então decorria e a que voltaremos mais adiante, verificou-se que “o retábulo que estava no arco cruzeiro não tem outra pintura por baixo da que se vê não devendo pois ter valor. Descido êste encontrou-se por traz dêle na calíça uma pintura da qual o retábulo era a imitação; a pintura, a água, muito imperfeita e apagada, que deve ter sido feita na ocasião em que foram feitas as que se encontravam por traz do altar-mór e que o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Bragança disse não terem valor algum”<sup>16</sup>. Nada mais soubemos sobre tais pinturas. O mais provável era datarem do século XVI a julgar pelos exemplos remanescentes na região de Amarante.

Dessa mesma época serão certamente os azulejos da mesa de altar da capela-mor. Embora o esquema compositivo em nada se aproxime dos exemplares da Igreja de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão (Cinfães), o mesmo já não podemos dizer da técnica utilizada e da policromia adotada. Tons ocres, azuis e verdes desenhavam um motivo floral estilizado que se

<sup>14</sup> Oliveira, João André de – Missiva de 18 de outubro [?] de 1864. IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREMN, Cx. 3216/3. Correspondência igrejas do concelho de Amarante, 1864-1867.

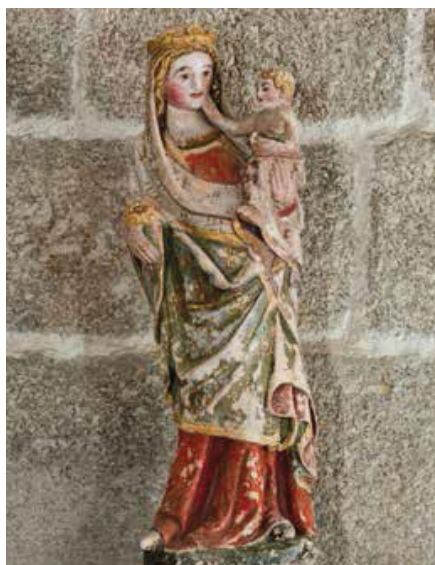
<sup>15</sup> Guimarães, Virgínio Monteiro Alves e – Missiva, 13 de dezembro de 1932. IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREMND/DM – DGEMN:DREMND-2494, Cx.21/3.

<sup>16</sup> Idem.



Torre sineira.





Capela-mor. Parede fundeira do lado do Evangelho. Peanha.  
Escultura. Virgem com o Menino.



Nave. Pia batismal.

repete, ao modo de padrão, composto por quatro azulejos (2x2). As flores são envolvidas por molduras adornadas por arabescos.

A pia batismal data certamente da época românica, aqui tardia. Base e taça são ambas poligonais. Encontra-se na nave, junto à entrada principal, do lado do Evangelho.



Capela-mor. Frontal de altar.

## AS INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS

**E**m resposta ao inquérito realizado pelo Diretor das Obras Públicas do Porto, em 1864, procurando aferir do estado de conservação das igrejas da diocese do Porto, o pároco de Jazente informou, desde logo, que “o edifício da Igreja parochial de Sancta Maria de Jazente se acha em bom estado, bem conservado e reparado”<sup>17</sup>.

Só nos anos trinta do século seguinte é que voltamos a ter notícias desta pequena Igreja de Jazente. Ao que se sabe, entre 1932 e 1933, foram realizadas diversas obras de conservação nesta Igreja, certamente à custa da paróquia. Incluíram estas obras a remoção do reboco dos paramentos exteriores e interiores e a limpeza dos paramentos “na frente da igreja, na capela-mór por dentro e por fora e já em parte do corpo da igreja”<sup>18</sup>. Foi esta intervenção realizada sob a responsabilidade do então pároco de Jazente, Virgínio Monteiro Alves e Guimarães, orientada pelo arquiteto Baltazar de Castro (que apelida de “Engenheiro”), que se revelaram “uns buracos na capela-mor por fora ao lado de cada cachorro ou estribo”<sup>19</sup>. Além disso, adianta o mesmo pároco, que as duas frestas laterais eram similares [à da parede fundeira da abside], mas foram estragadas sendo contudo fácil a sua restauração”<sup>20</sup>.

328

Na obra *A arte românica em Portugal...*, dada ao prelo em 1918, José de Marques Abreu publica um cliché do exterior da Igreja de Jazente, a partir do lado norte, onde se pode ver que as juntas se encontravam caiadas de branco, assim como o exterior da capela-mor e o portal principal (Vasconcelos e Abreu, 1918: 149). A legibilidade deste edifício era, então, bem diferente do atual. Consta ainda que nesta intervenção de inícios da década de trinta se procedeu também ao restauro do tímpano da porta principal e ao levantamento de uma carreira de pedras da espessura de um palmo que encobria uma fila de azulejos, que se encontrava subterrada (Basto, 2006).

Alguns anos mais tarde, o padre Manuel Pinto Coelho dirige-se ao diretor dos Monumentos Nacionais indagando se este monumento se encontra inscrito “nos Monumentos Nacionais”<sup>21</sup>. O pároco de Jazente necessitava de tal informação por se encontrar então a Igreja necessitada de “algumas reparações”<sup>22</sup>. Não tendo obtido qualquer resposta, em janeiro de 1949, o pároco de Jazente volta a insistir<sup>23</sup>. Segundo explica, “o pároco de uma freguesia tem o dever de zelar pelo asseio e conservação da igreja da sua paróquia e no caso de se tratar dum monumento nacional a obrigação de sua conservação e reparação pertence ao Estado. Além disso, esclarece que a Igreja de Jazente deve ter sido edificada em fins do século XIII, mas de estilo e trabalho muito pobres”. Foi, pois, ainda nesse mesmo mês que no seio da Direcção-Geral dos Edifícios

17 Oliveira, João André de – Missiva de 18 de outubro [?] de 1864. IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREMNI, Cx. 3216/3. Correspondência igrejas do concelho de Amarante, 1864-1867.

18 Guimarães, Virgínio Monteiro Alves e – Missiva, 13 de dezembro de 1932. IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREMNI/DM – DGEMN:DREMNI-2494, Cx.21/3.

19 Idem.

20 Idem.

21 Coelho, Manuel Pinto – Missiva de 24 de setembro de 1948 [SIPA.TXT.00900001] PT DGEMN:DSARH-010/026-0091 [Em linha]. Disponível em [www: <URL: http://www.monumentos.pt>](http://www.monumentos.pt) [Nº IPA PT011301180014].

22 Idem.

23 Coelho, Manuel Pinto – Missiva, 6 de janeiro de 1949 [SIPA.TXT.00900003 e SIPA.TXT.00900004]. Idem.



e Monumentos Nacionais se aferiu que esta Igreja não se encontrava classificada, considerando-se ainda que não possuía “condições de merecer tal classificação”<sup>24</sup>.

Durante uns anos esta questão esmoreceu até que, em 1962, surge um contacto, agora estabelecido pelo padre João Ferreira, no sentido de apurar junto da mesma instituição se a Igreja de Jazente se encontrava ou não classificada<sup>25</sup>. Não o estando<sup>26</sup>, cremos, no entanto, que foi esta insistência por parte da paróquia que desencadeou a abertura do processo de classificação desta pequena Igreja edificada num românico tão tardio. Assim sendo, por despacho do então secretário de Estado da Cultura e Educação Permanente<sup>27</sup>, a Igreja de Jazente foi classificada como Imóvel de Interesse Público a 29 de setembro de 1977<sup>28</sup>. A partir de então as fontes disponíveis são silenciosas. Chegados a 2010 passa a pequena Igreja de Jazente a integrar a Rota do Românico. [MLB / NR]

Já nesse âmbito, foi alvo de uma intervenção de salvaguarda, conservação e valorização. A execução do projeto teve por fim a manutenção e conservação geral do monumento ao nível das suas coberturas e paramentos exteriores (Costa, 2010). No interior, o revestimento frontal da mesa de altar, constituído por um painel de azulejos hispano-árabes, foi igualmente alvo de uma campanha de conservação. A superfície policroma da estrutura azulejar mostrava sinais de desgaste acentuado, os vidrados apresentavam falhas e fraturas, sendo igualmente visível um uso excessivo de argamassas do tipo Portland (Duarte, 2010: 4-5). A escultura de Santa Maria, que apresentava sujidades, lacunas volumétricas e destacamentos da camada policroma, onde eram visíveis vestígios de policromias anteriores e repintes, foi também tratada e conservada.

Concluída a primeira fase de intervenções, a Rota do Românico retomará, ainda, em 2014, os trabalhos de conservação e salvaguarda na Igreja de Jazente, dignificando agora o seu espaço interior, nomeadamente ao nível dos paramentos, dos madeiramentos dos tetos e das portas e remodelação da zona de celebração (Costa, 2012). [RR]



Vista geral (adaptada de Abreu, 1918). Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

24 Ofício n.º 634 da Direção dos Serviços dos Monumentos Nacionais, 28 de fevereiro de 1949 [SIPA.TXT.00900005]. Idem.

25 Ferreira, João – Missiva de 5 de dezembro de 1962 [SIPA.TXT.00899804] PT DGEMN:DSARH-010/026-0083. Idem.

26 Silva, José Pena Pereira da – Missiva, 28 de dezembro de 1962 [SIPA.TXT.00899806]. Idem.

27 Ofício da Direção-Geral dos Assuntos Culturais de 20 de julho de 1975 [SIPA.TXT.00671412] PT DGEMN:DSID-001/013-004-1979/3. Idem.

28 DECRETO n.º 129. D.G. I Série. 226 (77-09-29) 2390-2396.

## CRONOLOGIA

950: segundo Domingos Moreira é já referido o topónimo "Jacenti de Tamecha";

1258: é testemunha das Inquirições de D. Afonso III a abadessa Margarida;

1623: a Igreja não possui sacrário;

1719, maio, 6: nasce, em São Pedro de Lomba, Paulino Cabral, futuro abade de Jazente e escritor arcadiano;

1726: Francisco Craesbeeck refere que a Igreja não tem sacrário e que é então abadia do ordinário do Porto, sendo abade o doutor Bernardo Vieira de Macedo;

1752: entra ao serviço da paróquia de Jazente Paulino António Cabral;

1789: morre, em Amarante, o escritor e abade de Jazente, Paulino António Cabral;

1930-1960: são realizadas obras no interior e na estrutura da Igreja;

2010: a Igreja de Jazente passa a integrar a Rota do Românico;

2013-2014: trabalhos gerais de conservação, salvaguarda e valorização da Igreja de Jazente, no âmbito da Rota do Românico;

2014-2015: conservação geral da Igreja ao nível dos paramentos, dos madeiramentos dos tetos e das portas e remodelação da zona de celebração.

## BIBLIOGRAFIA E FONTES

ABREU, Marques – Igreja de Jasente (concelho de Amarante): exterior [Material fotográfico]. In VASCONCELOS, Joaquim de; ABREU, Marques – *A arte românica em Portugal: texto de Joaquim de Vasconcellos com reproduções seleccionadas e executas por Marques Abreu*. Porto: Edições Ilustradas Marques Abreu, 1918. Disponível em [www: <URL: http://purl.pt/978/1/P228.html>](http://purl.pt/978/1/P228.html).

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da arte em Portugal: o românico*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

\_\_\_\_\_ – Primeiras impressões sobre a arquitetura românica portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras*. Vol. 2 (1971).

ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO (ADP) – Paroquiais. *Baptismos* (1588-11-06/1746-05-08), fl. 93.

\_\_\_\_\_ – Paroquiais. *Baptismos* (1731-05-03/1780-07-26), fl. 32 v.º-33.

BOTELHO, Maria Leonor – *A historiografia da arquitectura da época românica em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. Dissertação de doutoramento em história da arte portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

CABRAL, Paulino António – *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, abade de Jazente*. Porto: oficina de António Alvarez Ribeiro, 1786.

\_\_\_\_\_ – *Romance hendecasyllabo sobre o terramoto fatal da cidade de Lisboa sucedido no primeiro de novembro de 1755*. [S.l.: s.n.], 1760.

COSTA, A. Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...* Lisboa: Off. de Valentim da Costa Deslandes, 1706-1712.

COSTA, Lúcia – *Conservação, salvaguarda e valorização da Igreja de Jazente. Porto, Amarante, Jazente. 2.ª fase: conservação geral do interior do imóvel e vãos exteriores*. Porto: Fontes e Formas – Arquitectura, 2012. Texto policopiado.

\_\_\_\_\_ – *Igreja de Jazente, Porto, Amarante, Jazente. Conservação, salvaguarda e valorização de coberturas e paramentos exteriores: projecto de execução*. Porto: Fontes e Formas – Arquitectura, 2010. Texto policopiado.

CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias ressuscitadas da província de Entre-Douro-e-Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Carvalhos de Basto, 1992.

DUARTE, Artur Jaime – *Igreja de Jazente: conservação e restauro do revestimento azulejar do frontal de altar*. Porto: Artur Jaime Duarte, 2010. Texto policopiado.

DECRETO n.º 129. D.G. I Série. 226 (77-09-29) 2390-2396.

GAMA, Arnaldo – *Um motim ha cem annos: chronica portuense do seculo XVIII*. Porto: Typographia do Commercio, 1861.

HERCULANO, Alexandre, dir. – *Portugalliae monumenta historica : o saeculo octavo post christum usque ad quintumdecimum: inquisitiones*. Lisboa: Academia Scientiarum, 1867.

MACHADO, Diogo Barbosa – *Bibliotheca lusitana*. Lisboa: [Francisco Luiz Ameno], 1759.

MOREIRA, Domingos A. – Freguesias da diocese do Porto: elementos onomásticos alti-medievais. II parte - inventariação onomástica: fascículo G-O. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. 3/4 (1985-6) 61-158.

NIZA, Paulo Dias de – *Portugal sacro-profano...* Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1767.

PEREIRA, Manuel – [Memória Paroquial de] Jazente [Manuscrito]. 1758. Acessível em ANTT, Lisboa. PT-TT-MPRQ-18-147.

PORTUGAL. Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território – IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREMN, Cx. 3216/3. *Correspondência igrejas do concelho de Amarante*.

\_\_\_\_\_ – *Processos vários*. N.º IPA PT011301180014 [Em linha]. Disponível em www: <URL: <http://www.monumentos.pt>>.

PORTUGAL. Ministério das Finanças – Secretaria-geral – Arquivo – Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Porto, Amarante, *Arrolamentos dos bens culturais*. Igreja de Jazente. Liv. 67, fl. 87-91v. ACMF/Arquivo/CJBC/PTO/AMA/ARROL/022.

VASCONCELOS, Joaquim de; ABREU, Marques – *A arte românica em Portugal: texto de Joaquim de Vasconcellos com reproduções seleccionadas e executas por Marques Abreu*. Porto: Edições Illustradas Marques Abreu, 1918.

VITORINO, Pedro – Tímpanos românicos ornamentados. *Douro-Litoral*. N.º 3 (1941) 5-17.